

Jornalismo em Portugal até 1974 – Ficha de obra

, Alberto		Ano de publicação/impressão – 1898	
Titulo da obra <i>Imprensa Portuguesa no 2º Ano da sua Existência</i>			
Jornalismo			
		Editora Associação da Imprensa Portuguesa/Tipografia de “O Expresso”	Número de páginas 51
Publicação Nacional			
Nacional		Cota: SC7058//9V.	

Bio sobre o autor

Escritor e jornalista, nasceu no Porto (29 de Setembro de 1861) e morreu em Lisboa (27 de Janeiro de 1938).

Carreira de jornalista como redactor principal do jornal socialista *O Operário*, do Porto, que, mais tarde, se fundiu com *O Protesto*, de Lisboa, com redacção nas duas cidades. O primeiro artigo em *O Protesto Operário*, que assinou com A. B. (iniciais do seu nome, empregues e na primeira página da edição de 14 de Janeiro de 1883. Depois, o jornalista fundou e dirigiu publicações no Porto como *A Semana*, *Miniat revista Luso-Espanhola*, *Galeria Portuguesa* e *Crónica*, e colaborou em vários diários do Porto, como *A Discussão*, *Dez de Março*, *Voz do Fidalgo da Manhã*, *Província* e nos jornais humorísticos *Zé-povinho*, *Tam-tam* e *Pimpolho*.

Mudou-se para Lisboa em 1896, aos 35 anos, para trabalhar em *O Século*, a convite do seu director Silva Graça. Mais tarde, saiu para fundar o *Diário dos Redactores efectivos do Século*, em conflito com as posições do jornal na questão dos tabacos. Em 1906, tornou-se redactor efectivo do *Diário da República*, transferiu-se para o *Jornal do Comércio e das Colónias*. A morte do representante da empresa e director, a 12 de Julho de 1906, o desempenho das funções de redactor principal e, a 1 de Janeiro de 1921, o seu nome aparecia, na cabeça do jornal, como director. Ficou no conselho de administração passou a dirigir o jornal. O jornalista atingia os 70 anos de idade e no último editorial que assinou, escreveu: “Nestes dias do velho órgão jornalístico. [...] Sempre procurei servir honestamente a imprensa sem a desprestigiar ou conspurcar, não tolerando sem o devido respeito e respeito mesmo certa retumbância – que outros a deslustrassem ou envilecessem, pois que, modesto como sou, zelei sempre a honra do meu nome”.

Além da dedicada ao jornalismo, Alberto Bessa escreveu teatro (*O Cabecilha*), poesia (*Ondeantes*, 1883), opereta (*A reviravolta*), colaborou com a criação da opereta *O Moleiro de Alcalá*, *Espanhóis em Melilha* e *Rebenta a bexiga* e fez crítica (*Palavra dos Lusíadas*, 1895; *Quem foi Almeida*). Foi activa na actividade à vida associativa da classe, na antiga Associação da Imprensa Portuguesa e na Associação dos Jornalistas e Homens de Letras e nas vultos do jornalismo, como Rodrigues Sampaio. Representaria ainda o Instituto de Coimbra, a Associação de Escritores e Jornalistas

5

retaria – 6

statutos – 8

Imprensa – 10

rnacional jornalístico – 19

nsa – 23

bsídios – 30

tas – 34

tas – 39

s – 42

sócio – 43

ócios – 44

rasil – 45

ra – 47

- 48

)

|

a – linhas mestras

Imprensa Portuguesa foi criada em 1897, tendo como Presidente Ludgero Vianna, J. V. D'Andrade Neves, como vice-Presidente, e Alberto Bessa, como presidente das questões da defesa da profissão de jornalista e da Liberdade de Imprensa, esta associação criou as bases de um sistema mutualista de ajuda mútua para as famílias, precursor da Casa da Imprensa. Este último objectivo é realçado logo nas primeiras páginas do relatório assinado por Alberto Bessa: *umas viúvas, órfãos, etc., de antigos colegas, têm encontrado na nossa Associação um determinado conforto que, de outro modo, lhes escassa.* O relatório dedica vários capítulos às questões administrativas, como o movimento de sócios, o aluguer de sede própria, a instalação dos vários estatutos, a concessão de subsídios, os diplomas de honra atribuídos e uma subscrição realizada no Brasil, cuja importante receita iria fortalecer a instituição, *“logo que as condições cambiais sejam favoráveis”*, como é sublinhado no relatório. O relatório também revela, no entanto, três assuntos de bastante importância à época – a exposição de Imprensa, em Lisboa, o Congresso Internacional jornalístico de Imprensa.

Uma das primeiras realizações da Associação da Imprensa Portuguesa foi a Exposição da Imprensa, em Maio de 1898, por ocasião do centenário da independência do Índia. De um dos textos extraídos do número único de jornal que acompanhou a exposição, escreveu Alberto Bessa: *“Desde há muito tempo se tem a ideia de promover como que a realização de uma parada das forças jornalísticas no nosso país, de modo a deixar ver, aos que as desc*

re nós adquirida por essas instituições". O próprio jornalista, e autor do relatório, ficara surpreendido pela enorme quantidade de publicação em pouco tempo. A venda do jornal, atrás referido, renderia 23\$100 réis, proporcionando a exposição um saldo positivo, que foi canaliza

ção, a Associação da Imprensa Portuguesa fez-se representar no congresso internacional da imprensa, realizado em Lisboa, em Setembro de 1880. O Bureau Central das Associações de Imprensa, promotor e organizador do congresso, pôde assistir e projectou ler uma mensagem na ocasião: *«... a ciência, a mais bela e mais pura de todas as liberdades, ainda não é um princípio universalmente admitido, e a liberdade de escrever e de imprimir são as consequências de regulamentações por vezes absurdas, injustas ou anacrónicas. [...] Ao mesmo tempo, vemos que, em muitos países, a liberdade é violada por vezes, e a liberdade de escrever e de imprimir é vedosamente pela lei, expiam, sob o peso das mais rigorosas sentenças, o crime de terem livremente exposto o seu pensamento, e quase sempre sem o devido respeito, de defender a liberdade e a justiça. É o que acontece ultimamente, sobretudo em Itália, Espanha e mesmo Portugal*".

o com a defesa da Liberdade de Imprensa foi, aliás, uma constante da actividade da Associação e ocupa espaço importante no Relatório elaborado. Os responsáveis da instituição não hesitaram em confrontar o Chefe de Governo e o seu Ministro da Justiça para os atropelos à Carta Constitucional e à liberdade criativa dos jornalistas. Mais tarde, interpelaram os próprios deputados da Nação, exigindo numa petição o fim da censura prévia e a liberdade de imprensa aos jornalistas: *«Assim é que ao passo que nós vemos a absorção da justiça na polícia e um simples artigo de regulamento passar por cima e não autoriza a censura prévia, vê-mos também que uma lei especial, preparada contra os inimigos da sociedade, leva o seu desprezo pela liberdade de imprensa a fazer que uma das suas malhas colha o jornalista inofensivo que no ardor do seu entusiasmo profere, sem a menor intenção criminosa, sem o nome de calúnia, a palavra que possa ser tomada como agressiva a qualquer funcionário ou a qualquer autoridade*".

Um simples relatório de actividades da Associação da Imprensa Portuguesa constitui um imprescindível instrumento de trabalho para a compreensão do jornalismo em Portugal!

Oliveira e Silva
oliveira@iol.pt
